

— como “A não pode ser B e A sob as mesmas condições e ao mesmo tempo” — uma transformação realizada pelo próprio Aristóteles quando discute o mesmo assunto em sua *Metafísica*.¹³⁴

Uma leitura minuciosa do *Organon*, do “Instrumento” — nome dado a partir do século VI d.C. ao conjunto dos primeiros tratados lógicos de Aristóteles —, mostra claramente que o que hoje chamamos “lógica” não era originalmente compreendido como um “instrumento do pensamento”, do diálogo interior empreendido “dentro da alma”. Ao contrário, “lógica” designa a ciência de falar e argumentar corretamente quando estamos tentando convencer os outros, ou explicar o que afirmamos, partindo sempre, como Sócrates, de premissas mais fáceis de serem aceitas pela maioria dos homens, ou pela maioria dos considerados geralmente como os mais sábios entre estes. O axioma da não-contradição, nos primeiros tratados apenas decisivos para o diálogo interno do pensamento, ainda não tinha sido estabelecido como a regra mais básica para o discurso em geral. Só depois que esse caso particular tornou-se o exemplo condutor para todo pensamento é que Kant, que na *Antropologia* tinha definido pensar como “conversar consigo mesmo [...] e, portanto, também escutar interiormente”¹³⁵, pôde relacionar a prescrição de “pensar sempre consistentemente e de acordo consigo mesmo” (“*Jederzeit mit sich selbst einstimmig denken*”) entre as máximas que devem ser consideradas “mandamentos imutáveis para a classe dos pensadores.”¹³⁶

Em poucas palavras, a realização, especificamente humana, da consciência no diálogo pensante de mim comigo mesmo sugere que a diferença e a alteridade, características tão destacadas do mundo das aparências tal como é dado ao homem, seu hábitat em meio a uma pluralidade de coisas, são também as mesmas condições da existência do ego mental do homem, já que ele só existe na dualidade. E esse ego — o eu-sou-eu — faz a experiência da diferença na identidade precisamente quando ele não está relacionado às coisas que aparecem, mas apenas a si mesmo. (Essa dualidade original, aliás, explica a futilidade da busca de identidade, tão em voga. Nossa moderna crise de identidade só poderia ser resolvida se nunca ficássemos a nós e nunca tentássemos pensar.) Sem aquela lição original, a afirmação de Sócrates sobre a harmonia em um ser que segundo todas as aparências é Um não teria sentido.

A consciência não é o mesmo que o pensamento; os atos de consciência têm em comum com a experiência dos sentidos o fato de serem atos “intencionais” e, portanto, *cognitivos*, ao passo que o ego pensante não pensa alguma coisa, mas sobre alguma coisa; e este ato é dialético: ele se desenrola sob a forma de um diálogo silencioso. Sem a consciência, no sentido da consciência de si mesmo, o pensamento seria impossível. O que o pensamento torna real, no meio desse processo infinito, é a diferença na consciência, diferença dada como um simples fato bruto (*factum brutum*); é apenas sob essa forma humanizada que a consciência torna-se a característica notória de um homem, e não de um deus ou de um animal. Do mesmo modo como a metáfora preenche a lacuna entre o mundo das aparências e

as atividades do espírito que ocorrem dentro dele, o dois-em-um socrático cura o estar só do pensamento; sua dualidade inerente deixa entrever a infinita pluralidade que é a lei da Terra.

Para Sócrates, a dualidade do dois-em-um significava apenas que quem quer pensar precisa tomar cuidado para que os parceiros do diálogo estejam em bons termos, para que eles sejam *amigos*. O parceiro que desperta novamente quando estamos alertas e só é o único do qual nunca podemos nos livrar — exceto parando de pensar. É melhor sofrer uma injustiça do que cometê-la; quem gostaria de ser amigo e ter que conviver com um assassino? Nem mesmo outro assassino. No fundo, é a essa consideração bastante simples sobre a importância do acordo de uma pessoa consigo mesma que o Imperativo Categórico de Kant recorre. Subjacente ao imperativo “aja apenas segundo uma máxima tal que você possa ao mesmo tempo *querer* que ela se torne uma lei universal” está a ordem: “não se contradiga.”¹³⁷ Um assassino ou um ladrão não podem querer que mandamentos como “tu matarás” ou “tu roubarás” se tornem leis válidas para todos, já que eles temem, evidentemente, pela própria vida e pela propriedade. Quem abre uma exceção para si mesmo se contradiz.

Em um dos diálogos contestados — o *Hípias Maior*, que pode, ainda assim, oferecer um testemunho autêntico sobre Sócrates, mesmo que não tenha sido escrito por Platão —, Sócrates descreve essa situação de maneira simples e precisa no fim do diálogo. Na hora de voltar para casa, Sócrates diz a Hípias como “ditosamente afortunado” era ele, que tinha se revelado um parceiro singularmente estúpido em comparação com o pobre Sócrates, que é aguardado em casa por um sujeito muito irritante que vive a interrogá-lo. “Ele é meu parente próximo e vive na mesma casa.” No momento em que esse sujeito ouvir Sócrates concordar com as opiniões de Hípias, ele perguntará “se [Sócrates] não se envergonha de discorrer sobre um belo modo de vida, quando a série de interrogações já evidencia que ele sequer conhece o significado da palavra ‘beleza’.”¹³⁸ Quando Hípias volta para casa, ele permanece um, pois embora viva só, não busca fazer-se companhia. Não é, certamente, que ele perca a consciência, só que ele não costuma exercitá-la. Quando Sócrates vai para casa, ele não está solitário, está *junto* a si mesmo. Evidentemente Sócrates tem que entrar em alguma espécie de acordo com o sujeito que o espera, já que eles vivem sob o mesmo teto. É melhor se desaver com o mundo todo do que com aquela única pessoa com quem se é forçado a viver após ter-se despedido de todas as companhias.

O que Sócrates descobriu é que podemos ter interação conosco mesmos, bem como com os outros, e os dois tipos de interação estão de alguma maneira relacionados. Aristóteles, falando da amizade, observou: “o amigo é um outro eu.”¹³⁹ Isso significa: pode-se, com ele, empreender o diálogo de pensamento como se faz consigo mesmo. A observação faz parte da tradição socrática, mas Sócrates diria: também o eu é uma espécie de amigo. A experiência condutora, nesses assuntos, é evidentemente a amizade, e não a individualidade; antes de conversar comigo mesmo, converso com os outros, examinando qualquer que seja o assunto